

de SOL a SOL

Um aspecto da lei penal dos Estados Unidos

As leis penais dos Estados Unidos garantem a libertação condicional dos delinquentes caídos na alçada da lei, antes do cumprimento total da sentença, de forma que o condenado que pelo seu comportamento demonstre, na prisão uma melhoria nas suas morbidas tendências criminais possa gozar os benefícios da vida livre. Funccionam em vários estados da confederação *yankee* comissões encarregadas de deliberar sobre a libertação dos presos supostos capazes dum melhor porte social, sob o ponto de vista juridico aí vigente: em alguns estados os condicionalmente libertos ficam sujeitos a uma vigilância continua e em mais ou menos permanente relação com as autoridades; noutros são entregues a uma liberdade sem vigilância insistente. Contra esta instituição penal têm sido elevadas criticas, segundo as quais muitos crimes impunes são cometidos pelos felizes redimidos da vida a ferros. Mas de 8.000 prisioneiros que auferiram dessa concessão legal, em 1936, apenas 142 sofreram novas condemnações. Contudo, essas criticas apontam o caso dos «gangsters» como prejuizo de tal sistema juridico e assinalam «Dillinger», «inimigo público n.º 1», liberto também das prisões estadoais, como padrão daquilo que imputam um erro grave. A publicação que nos informa sobre este sistema penal autorizado em 1930, demonstra a sua simpatia por ele, embora «a sua acção se ressinta de diversas falhas para as quais ainda não foi descoberto um remédio eficaz».

Literatura contemporânea

A literatura deste século que, por assim dizer, agora começa, dá-nos uma documentação muito mais precisa sobre o homem e sobre os dramas interiores que o allanceiam do que a maior parte da literatura do passado. Não se quer com isto dizer que na literatura de outras épocas não possamos encontrar análises profundas de estados emotivos, dissecações completas dos jogos de instintos e sentimentos, mas salientar, apenas, que no presente, devido talvez ao serviço prestado pelas possibilidades técnicas à criação e documentação artisticas, a literatura viu restringir-se o seu campo de acção, paradoxalmente se encontrando mais vasto. Na verdade, por exemplo, a literatura pouco cuidada de desenhar exteriores, abandona a retórica, perde muito do formal e se faz descritivo torna-o agradável harmonioso, descritivo que abandona quasi sempre o que constituiria fim de si mesmo, para ser agradável como poesia. Verifica-se que a literatura abandonou, perante técnicas mais expressivas em certos aspectos, alguns dos campos onde a sua acção se exercia, não perdendo,

elenco de colaboradores:

Abel Salazar, Adolfo Casais Monteiro, Agostinho da Silva, Alberto Lima, Alberto Serpa, Alexandre Jorge Gonçalves, Costa, António Sérgio, Artur Augusto, Artur Justino, Cardoso Júnior, Carlos de Sousa Estrada, Castelo Bran o Chaver, Eduardo Biaga, Eduardo Scarlatti, Eurico Tomaz de Lima, Ferreira de Castro, Frederico Alver, Hernâni Cidade, Jaime Brasil, Jaime Carne, João Alberio, João de Barros, José Régio, Julião Quintinha, Luís de Sanjusto, Lygia, Mando Martins, Manuel Filipe, Manuel Inácio de Faria, Maria Aurea, Maria Emilia, Maria Raquel, Mário Dionísio, Marques Matias, Miguel Torga, Nuno Simões, Sant'Ana Dionísio, Sérgio Augusto Vieira, Vasco da Gama Fernandes, Vinha dos Santos, Vitorino Nemésio, etc

contudo, nada da sua enorme grandiosidade. Ficou-lhe o papel tão sério de desfibrar a meada das paixões, que nenhuma outra técnica suficientemente revela, a missão de descobrir em cada um o que há de variável em si, de diferente e de pessoal, e a capacidade certa de, documentando o mais íntimo de nós, contribuir para um conhecimento total daquillo que somos.

O «bluff» e a politica

Querem alguns historiadores que a guerra de 1914-1918 seja marco a dividir duas idades na vida dos povos. Não afirmamos que sim, mas, também, não dizemos que não. Na politica, é incontroverso, ela representa um fôssco, um abismo. Antes da data trágica as nações, pelas bocas dos seus embaixadores, usavam no trato com as outras nações falas brandas, blandiciosas... E a diplomacia era uma arte, arte de esgrima, difícil. Mas depois de 18... Enfim, o fôrete deu lugar ás cartas. E as nações, em vez de esgrima, passaram a jogar o bluff. Sentam-se à mesa de pampo verde, olham-se, olham o jogo — e como sabem que mais que os azes e os reis valem as atitudes audaciosas, procuram infundir medo aos parceiros. E o caso é que infundem. Que se passará, porém, no dia em que os outros — os medrosos — descobrirem que os companheiros, tirante os gastos, não possuem mais jogo que eles?

Jardins infantis

Nas ruas por onde se passa as crianças divertem-se, sujas e contentes, jogando a bola e fugindo ao polícia, batendo ás portas e escapando ás criadas que, coléricas, se podem, as repreendem. Nós vêmo-las ao passar e não sentimos agradável o ambiente em que as crianças brincam. Gostaríamos de vê-las folgar, em correrias sim, despreocupadas e lindas na sua graça infantil; mas gostaríamos também de vê-las em parques ou jardins, onde a sedução da relva verde fôsse um encanto para os seus olhos novos, e que num meio limpo, ao ar livre e ao sol, pudessem gozar os benefícios e cuidados higiénicos. Não supomos ser difícil aprovar terrenos e néles construir jardins infantis, com os folguedos que fizessem a delicia dos pequenos seres, folguedos singelos, atraentes, educativos, para que a grosseria não campeasse fácil entre sua delicada vida.

Na cidade de Beja, segundo no-lo diz o estimado colega «Diário do Alentejo», um parque infantil acaba de ser inaugurado. Com os seus baloiços, carrinhos de mão, automóveis infantis, tudo limpo e garrido, informa aquêlê diário, é um encanto. Não deve ficar por aí a iniciativa. E' preciso ampliá-la, de forma que os seus benefícios atinjam, no mais curto prazo de tempo, a maioria ou a totalidade das nossas crianças.

SOL nascente

Quinzenário cultural
de literatura e crítica

ASSINATURAS
(PAGAMENTO ADIANTADO)
Série de 5 números, 5 ESCUDOS

a 1 e 15 de cada mês

Pôrto, 1 de Setembro de 1937 — Ano primeiro — Número catorze



VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA